

## O VIÉS DO RISO NA RECEPÇÃO DO POEMA: “A TRISTEZA ENTRE O AVÔ E O COPO D’ÁGUA” DE SÉRGIO DE CASTRO PINTO

Gabriela Santana de Oliveira<sup>1</sup> (POSLE/UFCG)

Orientador: Dr. José Hélder Pinheiro Alves<sup>2</sup> (POSLE/UFCG)

### RESUMO

Nesse trabalho pretendemos relatar uma experiência de leitura com a obra poética: *O Cristal dos Verões* (2007) de Sérgio de Castro Pinto, no qual realizamos uma intervenção em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual do município de Massaranduba (PB) em 2014. O propósito dessa pesquisa foi verificar como os alunos receberiam os poemas de Castro Pinto, uma vez que a tematização do homem e seus dilemas são recorrentes na obra desse poeta. Discutiremos parte dessa experiência, no qual enfatizaremos o riso coletivo dos discentes durante o processo de recepção do poema: “A tristeza entre o avô e o copo d’ água”. Mediante pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação, os dados foram coletados através de: diário de campo, gravações das aulas em áudios, fotos, questionários e uma página criada no facebook. No que concerne à fundamentação teórica, tivemos como aporte as contribuições de: Barbosa Filho (1989), Brito (1995), Bordini e Aguiar (1988), Colomer (2007), Jauss (1994) e Propp (1992). Nesse sentido, constatou-se que a reação do riso dos alunos quando leram o poema pode indicar entusiasmo e identificação, de modo que eles conseguiram interagir e perceber diante daqueles versos vínculos com suas vivências pessoais.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura. Lírica. Poesia. Riso.

---

<sup>1</sup> Aluna egressa do programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (POSLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no qual desenvolveu uma pesquisa de mestrado intitulada: *A recepção da poesia de Sérgio de Castro Pinto no Ensino Médio*. A dissertação foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFCG e foi aprovada com o seguinte número de protocolo: 042744/2015.

<sup>2</sup> Professor orientador tanto da pesquisa do mestrado como desse artigo.

## INTRODUÇÃO

Nesse trabalho pretendemos relatar parte de uma intervenção realizada em uma turma do 1º ano do Ensino Médio noturno de uma escola pública estadual da cidade de Massaranduba (PB).

É importante ressaltar que a experiência feita é oriunda de uma pesquisa do mestrado em Linguagem e Ensino da UFCG. Durante dois anos nos detivemos ao estudo da poesia do paraibano Sérgio de Castro Pinto. Constatamos que em sua poética a presença de recursos da poesia moderna não era um fator que poderia considerar de forma absoluta que sua poesia pode ser considerada antilírica como muitos críticos afirmaram conforme discute Brito (1995).

Percebemos que em meio a esse aparente antilirismo os poemas castropintianos retratavam temas voltados para o homem em meio ao tempo, a morte, os sentimentos e o cotidiano. Acreditamos, portanto, que esse veio lírico presente poderia ser levado para o âmbito escolar.

Diante disso, o que antes era inquietação foi planejado metodologicamente para ser trabalhado com os alunos no qual lançamos mão de uma sequência expandida no qual planejamos os encontros e a antologia. Como o presente artigo é um recorte da dissertação: *A recepção da poesia de Sérgio de Castro Pinto no Ensino Médio* nos iremos nos deter a recepção do poema: *A tristeza entre o avô e o copo d' água*.

Nesse sentido, objetivamos observar de modo o riso pode evidenciar uma maneira como o aluno recebe a leitura de poesia. Quanto à problematização desse estudo, nos balizamos nos seguintes questionamentos:

- a) Como o poema foi recepcionado pelos discentes?
- b) Que papel o riso exerceu durante o processo de recepção do poema?

No que concerne aos aspectos metodológicos, esse trabalho assume o caráter de pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação, uma vez que intervimos em sala de aula. Com relação à coleta de dados, nos valem dos seguintes instrumentos: diário de campo, fotos, gravações em áudio e o questionário.

O encantamento e a vontade de conhecer mais a fundo a poética desse paraibano, foram fatores decisivos para a construção do projeto de pesquisa do mestrado, o que nos levou a pensar também na dimensão do ensino. Além das inquietações concernentes ao conceito de lírico e antilírico, pensamos também como poderíamos propor metodologicamente uma abordagem de leitura com esses poemas para a sala de aula.

Nesse sentido, a presença de temas voltados para o ser humano foi uma porta de entrada para que elaborássemos uma sequência expandida que privilegiasse uma experiência de leitura com a obra poética *O Cristal dos Verões* (2007). Apesar de alguns estudos críticos já trazerem discussões voltadas para o lirismo na poética castropintiana, tivemos a curiosidade de saber como se daria a recepção desses poemas no Ensino Médio mediante a leitura compartilhada conforme defende Colomer (2007).

Quando tratamos do ensino da literatura e do trabalho com a poesia na escola, verificamos que ainda há no currículo de literatura a ausência da inclusão de poetas contemporâneos, o que se torna ainda mais visível nos livros didáticos ao priorizarem a história da literatura sem promover a vivência leitora com o texto.

Além desse agravante, temos a poesia como um dos gêneros pouco trabalhados em sala de aula, posto que, ela exige do professor uma leitura mais atenta, assim como metodologias capazes de provocar o interesse dos discentes, justificando, assim, a predileção que a escola tem pela leitura da prosa (PINHEIRO, 2007).

Diante disso, acreditamos que a relevância dessa pesquisa está na busca em privilegiar uma voz da lírica paraibana da contemporaneidade. A nossa vivência leitora enquanto pesquisadora foi crucial para que pensássemos de que modo iríamos

elaborar uma proposta de leitura para adolescentes que demonstravam não gostar de poesia.

## 2- A literatura no Ensino Médio e a poesia na escola

Quando questionamos de que modo à literatura tem sido trabalhada no Ensino Médio, observamos que a perspectiva dominante é a da “História da Literatura” centrada em um nacionalismo literário conforme discute Rezende (2013, p. 101).

O que é recorrente na escola apesar dos documentos oficiais de ensino já defenderem a formação de leitores, é o domínio de procedimentos metodológicos que lançam mão do estudo de estilos de épocas ou escolas literárias a partir de uma sequência temporal que reúne uma lista de autores e obras. Além desse viés curricular, o professor muitas vezes por não ser um leitor de literatura e em virtude de não ter uma formação adequada, toma o livro didático como único instrumento de trabalho. Sobre essa questão Bordini e Aguiar (1988) discutem o seguinte:

O modelo de aula de literatura atualmente em vigor na escola brasileira poderia ser descrito como uma sequência de atividades mais ou menos estáticas, ditadas inclusive pelo próprio livro didático: apresentação de um texto, explicação do vocabulário, exercícios de interpretação, exercícios gramaticais e composição. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 36).

Embora a afirmação seja de há quase 30 anos atrás, quase nada mudou, percebemos que a recorrência da literatura sob o eixo historicista não é algo recente.

De acordo com Rezende (2013) é comum que o docente use como estratégia, seguir o roteiro de atividades no livro e no manual do professor. A leitura de fragmentos de obras em prosa ou em verso é realizada em sala, de modo que não há questionário adequado, nem um momento de discussão mais detido com o texto, a partir do contato efetivo com as obras e a presença da leitura literária. Diante disso

Rezende (2013) propõe alternativas que favoreçam um ensino de literatura voltado para a formação de leitores:

Trata-se de um deslocamento considerável ir do ensino de literatura para a leitura literária, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor e o segundo, no polo do aluno. Esse deslizamento de ênfase não se inscreve no âmbito da literatura, mas se concentra no âmago das tendências pedagógicas contemporâneas (REZENDE, 2013, p. 106, grifo da autora)

Nesse sentido, entendemos que se repensar o ensino de literatura no Brasil requer não apenas a mudança na prática docente, contudo uma postura de valorização do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Rouxel (2013) para que a literatura favoreça a formação do aluno-leitor é importante se definir quais procedimentos metodológicos podem ser mais eficientes para a realidade de cada sala de aula. Trata-se de buscar uma experiência que prime pela construção do questionamento, da reflexão, da criticidade, da imaginação e da autonomia do jovem leitor. É importante também esclarecer durante a leitura compartilhada a plurissignificação que a literatura pode suscitar.

Infelizmente, os alunos ainda não tem consciência de que a literatura não se esgota em um único sentido porque os exercícios de interpretação de texto que estão nos livros didáticos não exploram essa dimensão de forma que o que “o autor quis dizer” torna-se o foco dessas atividades.

Contudo, através da Estética da Recepção essa visão cede lugar à valorização do leitor enquanto elemento crucial para a compreensão de uma obra, conforme defende Jauss (1994) e suas reflexões. Além disso, é ilusório pensar que se ater aos fragmentos de exercícios de compreensão seja suficiente para incentivar a formação de leitores. Todavia, isso não pode ser tomado como uma camisa de força, tendo em vista que a leitura precisa ser experienciada com prazer.

Sendo assim, é imprescindível que o educador conheça previamente esse lugar e selecione textos que estejam próximos da realidade dos discentes. Como durante o

período em que realizamos a intervenção a biblioteca da escola ainda não estava funcionando, elaboramos uma antologia para trabalharmos com os poemas de Sérgio de Castro Pinto. Acreditamos que essa estratégia pode substituir a leitura de fragmentos e permitir aos discentes o contato integral com textos que ele não conhecia.

### 3- O papel do riso na sociedade

Na obra: *Comicidade e riso* Propp (1992) tece várias reflexões em torno do riso e o seu papel na sociedade subclassificando-o nas seguintes categorias: o riso bom, o riso maldoso e cínico, o riso alegre, o riso ritual e o riso imoderado.

Em suas reflexões iniciais, Propp (1992) retoma as reflexões do teórico e historiador soviético da comédia cinematográfica, conhecido por R. Iurêniev para discutir sobre as diferentes maneiras em que o riso ocorre no ser humano. Dentre os principais tipos temos: o riso alegre, triste, cordial, indignado, insinuante, depreciativo, tímido, irônico, sarcástico dentre outros.

Após retomar essas reflexões de R. Iurêniev, Propp (1992) reconhece que a ideia do teórico soviético considera os variados aspectos do riso como subjacentes aos diferentes tipos de relações humanas. Além do mais, Propp (1992) considera que apesar dessa lista ser detalhada, ela não é completa, uma vez que o “riso de zombaria” falta em sua teoria, o que é crucial para a compreensão de uma obra literária.

Interligado a esfera do cômico, o riso torna-se o primeiro elemento a ser estudado por Propp (1992), a partir da categoria intitulada por ele de “derrisão”.<sup>3</sup> Ao falar de quem ri e de quem não ri, Propp (1992) considera que cada povo e época possui o seu modo específico de humor e cômico, o que em contextos diferentes pode não ser compreendido.

---

<sup>3</sup> Na tradução para o português esse termo significa “escárnio”, “ridicularização” e “riso de zombaria”. Essa categoria é utilizada ao longo das reflexões de Propp (1992) como sinônimo do termo russo “osmiéivanie”.

Dentre os que não são propensos ao riso, destacam-se os jovens e as mocinhas adolescentes. Diferentemente, os mais velhos são menos propensos, seguidos de “profissões que investem o homem de alguma parcela de poder” (PROPP, 1992, p. 33).

No que diz respeito ao “cômico na natureza” Propp (1992) afirma que somente o homem e aquilo que o lembra é capaz de rir, posto que ele consegue ver e saber o que é ridículo, atribuindo às ações humanas algum valor moral. Os animais por sua vez “podem alegrar-se, regozijar-se, até mesmo manifestar sua alegria com bastante impetuosidade, mas ele não pode rir” (PROPP, 1992, p. 40).

Além desse aspecto sobre os animais, Propp (1992) afirma que eles são risíveis, visto que muitas de suas ações lembram o ser humano, como o macaco, por exemplo:

As observações apresentadas permitem introduzir um reparo nas observações a respeito da comicidade dos animais. Desse modo, se de repente um cão enorme e forte se põe a fugir de um gato pequeno e valente que se volta contra ele por estar sendo perseguido, isso provoca o riso porque lembra uma situação possível também entre os homens.

A partir dessa reflexão podemos perceber que o cômico na natureza através do riso vincula-se ao humano, de modo que, o que os animais fazem, torna-se risível quando lembra alguma ação e situação humana. Nesse sentido, discutiremos a seguir os principais tipos de risos elencados por Propp (1992):

O riso bom diferentemente do riso de zombaria, apesar de também ver defeitos e vícios do outro, apresenta em quem enxerga essa falha como algo irrelevante a ponto de suscitar o sorriso. Quando essa falha acontece com uma pessoa pela qual sentimos afeto e simpatia, a condenação e zombaria não acontecem.

No que concerne ao riso maldoso, Propp (1992) assevera que de modo divergente do riso bom, nos quais os pequenos defeitos das pessoas são aceitos, no riso mal até mesmo os mais aparentes são inflamados e aumentados.

Entretanto, os risos maldosos e cínicos apresentam diferenças apesar de ambos serem oriundos de sentimentos ruins e maldosos. O primeiro “está ligado a defeitos falsos” e o segundo “prende-se ao prazer pela desgraça alheia” (PROPP, 1992, p. 160).

Já o riso alegre não está ligado a alguma deformidade, nem contém nenhum tipo de derrisão. A principal característica do riso alegre é não apresentar uma causa precisa, podendo originar-se de pretextos que são vistos por Propp (1992, p. 162) como “insignificantes”. Um exemplo típico é o “primeiro sorriso de um recém-nascido que alegra não apenas a mãe, mas todos que estão ao seu redor”.

O riso ritual por sua vez, está muito presente em mitos gregos que atribuíam ao riso uma função vivicadora e que garantia a fecundidade da Terra. Um exemplo disso está no mito grego de Deméter e Perséfone. Hades, deus dos infernos, rapta Perséfone filha de Deméter. Em vão ela tentava encontrar sua filha e como não conseguiu, ela se entristeceu e parou de rir. Como era deusa da fertilidade, a tristeza de Deméter influenciou diretamente a fecundidade da Terra. Sua serva Jamba fez um gesto obscuro fazendo a deusa da fertilidade, rir, de maneira que a natureza volta ao seu curso normal. Nesse sentido, o riso ritual tem a partir desse mito a função de garantir o funcionamento equilibrado da natureza e da vida.

Por último, o riso imoderado assemelha-se ao conceito de “carnavalização” em Bakhtin, iniciando-se a partir do carnaval da Europa Ocidental, cujas pessoas assumiam “a ausência de fronteiras, a total entrega de si àquilo que habitualmente se considerava ilícito e inadmissível”. Esse caráter transgressor propiciava o riso imoderado, recorrente das praças dos bufões, das festas e diversões populares.

A partir dessas discussões, relataremos diante de que modo o riso revelou uma forma de recepção dos alunos diante da leitura do poema: *A tristeza entre o avô e o copo d' água* de Sérgio de Castro Pinto. Mediante as categorias elencadas por Propp (1992) observaremos como o riso pode evidenciar uma identificação do jovem leitor com a poesia.



#### 4- Uma breve análise do poema *A tristeza entre o avô e o copo d' água* de Sérgio de Castro Pinto

##### **A tristeza entre o avô e o copo d' água**

O avô conduz a dentadura  
(sorriso portátil)

**no bolso do paletó  
e ao sorrir a boca murcha  
não há um sorriso só  
pois o outro se oculta  
no bolso do paletó.**

O avô conduz a dentadura  
(sorriso portátil)

e a introduz no copo d' água:  
**há uma alegria na boca  
e uma alegria afogada  
mas uma certa tristeza**  
entre o avô e o copo d' água.

Diferente da métrica livre presente nos poemas anteriores, percebemos em: “A tristeza entre o avô e o copo d' água” uma regularidade que se configura em sextilhas e rimas de uma quintilha, conforme podemos observar acima nos versos destacados.

Além desse recurso técnico-expressivo, a repetição é outro elemento evidente como podemos ver em “O avô conduz a dentadura/ (sorriso portátil)”. Segundo Barbosa Filho (1989, p. 79), a repetição “se presta a uma rigorosa intensificação do sentido poemático” muito presente na poesia moderna, ela, além de recorrente no Sanhauá, permanece na poesia de Castro Pinto, mesmo após a sua participação no grupo de poetas paraibanos.

No plano sonoro, verificamos a presença de algumas rimas em: “paletó”, “só”, “murcha”, “oculta”, “água” e “afogada”. Seguido a esse aspecto fônico, os versos do

poema apresentam um caráter narrativo, no qual a ação do avô colocar a dentadura dentro de um copo com água o leva a refletir sobre a própria condição do tempo.

Além da rima, a presença dos parênteses também é recorrente no poema, aparecendo com o intento explicativo para a dentadura ao mesmo tempo em que, a expressão “sorriso portátil” gera uma carga de humor.

No âmbito da imagem, destacamos na primeira estrofe a “dentadura”, “o bolso do paletó” e a “boca murcha” como elementos que reforçam o cultivo do universo da interioridade em objetos domésticos e aparentemente simplórios. O humor gerado pela caracterização da dentadura em sorriso portátil contrasta com a imagem da “boca murcha” que nos sugere reflexões do sujeito lírico diante da enfermidade do tempo, de forma que, a “boca murcha” fortalece a ideia de que o aparente sorriso provocado pela dentadura esconde um estado de tristeza.

O deslocamento das palavras decorrente do sorriso que se oculta no bolso do paletó remete para um mundo mais voltado para o introspectivo através dessa imagem. Logo, o sorriso disfarçado e mecânico da dentadura esconde um sorriso verdadeiro que está no bolso do paletó, lugar voltado para os “valores da intimidade” (BRITO, 1995, p. 189).

Na segunda estrofe, “a poética do dentro” continua sendo reforçada mediante a imagem de copo d’ água. O objeto advindo da referencialidade adquire uma outra dimensão no poema, tendo em vista que o sorriso mecânico suscitado pela prótese deixa mais evidente que o avô sente-se triste diante da velhice e da finitude da vida.

A imagem da “alegria afogada” além de trazer o recurso do deslocamento das palavras tão cultivado pela poesia moderna, intensifica esse estado de “tristeza” sentido pelo avô, que projeta na prótese dentária a reflexão em torno do tempo a partir de um copo d’ água.

Portanto, a tristeza decorrente de uma dentadura afundada entre o copo de água, revela uma angústia sentida pelo avô ao perceber as marcas do tempo interferindo em sua vida.

### 5-A recepção em sala de aula: um olhar sobre o riso

No último encontro do módulo três que ocorreu no dia 25 de Abril de 2014, levamos o poema: “A tristeza entre o avô e copo d’ água”. Verificamos que os discentes estavam alegres e ansiosos em ler a antologia. Dessa vez não lemos oralmente para eles, pois a aluna *Ka* pediu para fazer isso.

Observamos que *Ka* se sentiu à vontade, posto que ela tinha lido o poema em casa e segundo sua fala “tinha treinado o tom certo para ler em voz alta”. Mais uma vez observamos que o valor estético já estava sendo notado pelos discentes, uma vez que a cada leitura oral eles já estavam tomando consciência das peculiaridades que um poema possui, seja através do tom, do ritmo, de uma pausa e das repetições fonéticas.

Depois da leitura realizada por *Ka*, muitos dos alunos tiveram uma crise de risos. A imagem do “sorriso portátil” e de uma dentadura introduzida em um copo d’água favoreceu uma aceitação mais lúdica, pois eles imediatamente começaram a recordar momentos engraçados referentes a essa imagem poética e se divertiam quando voltavam aos versos. Eles relembrou situações engraçadas com pessoas que usavam dentadura, a exemplo da aluna *Ka* que ria sem parar lembrando da sogra que sempre colocava a dentadura dentro de um copo antes de dormir.

A maioria usava o termo “chapa” para se referir a dentadura. A imagem da “boca murcha” também colaborou para esse riso coletivo, de modo que eles não falavam da suposta tristeza existente no poema, embora questionamos esse aspecto.

Houve uma aceitação voltada em virtude do humor, cujo viés do riso foi o modo como à recepção desse poema sucedeu. Quando líamos, os discentes se questionavam o porquê de se guardar uma dentadura dentro de um copo com água e não em outro lugar. Encerramos esse módulo abrindo espaço para que eles continuassem a falar dos poemas que mais gostaram no *facebook* e tivemos expressiva participação deles, o que se assemelhou as aulas.

Mesmo que eles tiveram poucas experiências com a poesia na escola, as discussões nos levaram a verificar que não é a poesia em si que faz o aluno achar literatura difícil. A metodologia adotada para levar os alunos a terem um encontro com textos dessa natureza pode favorecer a formação de leitores, fugindo assim, do expositivismo das aulas.

Em vista disso, acreditamos que a identificação encontrada durante a leitura da antologia ocorreu porque os temas voltados para o homem e seus dilemas tratados na poética de Castro Pinto despertou nos discentes o interesse pela leitura de poesia, pois eles estabeleceram conexões entre as leituras realizadas e suas experiências de vida.

Ainda no tocante à recepção do poema, constatamos que o viés do riso também pode ser entendido como uma forma dos alunos receberem o texto através do corpo.

Sobre essa questão Kefalás (2014) retoma os conceitos de “performance” em Zumthor (2007) para afirmar que a recepção de um texto literário não se esgota no plano ideativo, visto que o corpo também é essencial nesse processo.

Embora durante a experiência não tenhamos trabalhado a leitura do poema sob um prisma performático, a reação do riso coletivo diante das imagens poéticas da “boca murcha” e da “dentadura do avô dentro de um copo com água” nos levou a perceber que os alunos se identificaram com o texto porque eles conseguiram perceber no poema lembranças engraçadas e vivenciadas por eles.

Em decorrência disso, acreditamos que o riso foi uma resposta corpórea que mostrou como o educando se apropriou daquela realidade do poema e determinou a sua relação com o mundo. Também acreditamos que o fato dos educandos utilizarem o termo: “chapa” em lugar de “dentadura” não foi fuga ao foco do poema, porém os discentes trouxeram um vocábulo que faz parte do seu universo e dos seus horizontes de expectativas.

Após a experiência com os poemas, realizamos um evento no *facebook* chamado: “Conversando com o poeta”, no qual os discentes teriam a oportunidade de

postar comentários sobre a experiência. Para esse trabalho destacamos dois comentários, logo abaixo seguem ambos:

#### Comentários dos alunos:

**Ka:** Gostei muito dos poemas que esse poeta escreve, pois ele expressa bastante sentimento e amor, eu curti todos os poemas que a professora leu com a gente na sala de aula. Que você Sérgio de Castro Pinto continue assim um ótimo poeta com esses poemas que nos faz rir e ao mesmo tempo nos toca o coração.

**Kr:** Por mais que eu não conheça direito as suas poesias, que eu adorei uma que eu vi, que falava sobre a chapa do avô, ri muito lembrando da minha sogra, não sei se é mais, acho que você deveria escrever poesias assim, que nos faça lembrar de alguma situação já vivida.

Como podemos ver os dois comentários destacam o riso durante a recepção dos poemas. O fato de *Ka*<sup>4</sup> ter se identificado com os poemas está na tematização de variados sentimentos como o amor. Apesar da aluna não ter pontuado um poema específico ela destaca que a experiência de leitura tornou-se prazerosa porque os poemas a fazia “rir” e “ao mesmo tempo nos toca o coração”.

A partir desse depoimento, percebemos que o trabalho com a poesia aberto ao diálogo com as vivências dos leitores, contribuiu para que a educanda gostasse dos poemas de Castro Pinto. O ato da poesia “tocar o coração” nos levou a entender que a postura de valorização de leitores de poesia na escola pode possibilitar aos alunos o

---

<sup>4</sup> Para preservar a identidade dos alunos nos referimos a eles pelas duas letras iniciais do nome.

encantamento, a humanização e o cultivo da sensibilidade conforme argumenta Pinheiro (2007) ao falar da função social da poesia:

A função social da poesia, é bom lembrar, não é mensurável dentre modelos esquemáticos. Trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso pela conversa de corredor. (PINHEIRO, 2007, p. 23).

Diante dessa citação entendemos que a resposta de *Ka* nos fez entender que o trabalho com a poesia pode interessar aos educandos, porque a presença de variadas experiências humanas, além do modo como o poeta comunica isso, pode aguçar a sensibilidade do jovem leitor. No que diz respeito ao riso, ambas as alunas afirmam que o riso esteve presente nessa identificação.

*Kr* por sua vez, especificou o poema que mais gostou, deixando evidente que a lembrança da sogra e de situações vividas nos levou a perceber que essa capacidade que a poesia tem de comunicar diversas experiências foi um aspecto que favoreceu o viés do riso, pois houve por parte da aluna *Kr* uma conexão entre a imagem da “chapa” que a sogra dessa jovem utilizava e a dentadura do avô presente no texto poético.

### Considerações Finais

Através do viés do riso, entendemos que é preciso privilegiar o corpo como um elemento relevante no processo de recepção de um texto literário. Apesar da intervenção completa realizada no mestrado não ter se aprofundado em torno dessa questão, entendemos que esse artigo nos foi uma oportunidade de refletir mais detidamente sobre esse dado encontrado.

O riso nesse contexto assume uma postura diferenciada, pois muitas vezes ele é visto em sala de aula como sinônimo de dispersão. E como a turma pela qual realizamos a intervenção durante a nossa pesquisa de mestrado se mostrou indiferente logo no início fomos desafiados enquanto pesquisadora e professora.

Este trabalho de certa forma nos exigiu uma maior convivência leitora com os poemas de Sérgio de Castro Pinto, assim como nos incentivou a buscar por referências que nos auxiliasse a mergulhar fundo nas reflexões de cunho metodológico, sobretudo, as inspiradas na recepção dos leitores, na valorização de sua voz na procura de procedimentos dialógicos.

Acreditamos que o riso dos alunos pode ser classificado como alegre e bom conforme conceitua Propp (1992) em sua teoria, visto que os educandos recordaram pessoas como a sogra de uma aluna e situações engraçadas que também utilizavam a dentadura. Além disso, o riso suscitado pelas vivências pessoais dos discentes pode ser classificado como “bom” por apresentar uma identificação afetuosa entre aqueles jovens e o texto poético, o que difere do riso de zombaria.

O caminho trilhado durante esse processo nos fez compreender o quanto é importante que o professor planeje e se prepare para desenvolver um trabalho com a poesia na escola. Além desse aspecto, entendemos que o êxito desse projeto que culminou com uma pesquisa de mestrado foi decorrente de uma postura flexível no qual os discentes tinham a oportunidade de interagir durante a leitura compartilhada dos poemas.

Portanto, consideramos que enquanto docentes é crucial que estejamos atentos às necessidades de um trabalho constante e presente na prática em sala de aula diariamente, de modo que o jovem estudante possa se familiarizar com a linguagem poética a partir da vivência da experiência de leitura.

#### REFERÊNCIAS:

- ALVES, José Hélder Pinheiro. **O preço do jumento**: a recepção de poemas de Cecília Meireles por crianças de escolas públicas. *Leia Escola*, Campina Grande, vol. 8. n. 1, 2008.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Sanhauá**: Uma ponte para a modernidade. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.
- \_\_\_\_\_, **Arrecifes e Lajedos**: breve itinerário da poesia na Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

\_\_\_\_\_, **O pó dos sábados, memória dos domingos!**: Sobre Sérgio de Castro Pinto. João Pessoa: Ideia, 2008.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método recepcional. In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 81-102.

BRITO, João Batista B. de. **Signo e imagem em Castro Pinto**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1995.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

DALVI; Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária** trad.de Sérgio Tellaroli). São Paulo: Ática, 1994.

KEFALÁS, Eliana. O jogo do texto no corpo que lê: literatura e dança na formação do leitor literário. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). **Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: ABRALIC, 2014, p. 93-112.

OLIVEIRA, Gabriela Santana de. **A recepção da poesia de Sérgio de Castro Pinto no Ensino Médio**. Dissertação. 171. fls. Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG): Campina Grande, 2015.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992. (Série Fundamentos).

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e leitura literária. In: DALVI; Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p.99-134.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da Literatura. In: DALVI; Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 18-33.

#### Corpus:

PINTO, Sérgio de Castro Pinto. **O cristal dos verões, poemas escolhidos: 40 anos de poesia (1967- 2007)**. São Paulo: Escrituras, 2007.